

CAPÍTULO VI

A Formação do Museólogo e o seu Campo de Atuação⁸

1- INTRODUÇÃO

Foi com prazer que recebi o convite para participar do XV Congresso Nacional de Museus, promovido pela Associação Brasileira de Museologia, para apresentar as minhas reflexões sobre um tema que considero da maior relevância, qual seja “A Formação do Museólogo e o seu Campo de Atuação”, inserindo-o no tema geral proposto para este evento, “Museu & Museologia para o Século XXI – perspectivas para Países Periféricos”. Agradeço, pois, aos colegas organizadores do evento, pela possibilidade de troca, de avaliação da formação dos profissionais, para a qual estamos contribuindo, ao tempo em que, estamos, também, tendo a oportunidade de avaliar a nossa atuação.

A minha análise será efetuada tomando como referencial a minha atuação no Curso de Museologia da UFBA, onde atuei por 25 anos, como coordenadora, chefe de departamento e professora, desenvolvendo ações de ensino, pesquisa e extensão, de forma integrada e em relação com vários grupos com os quais desenvolvi diversos projetos, ao longo dos anos. Nesse longo caminhar, tive a oportunidade de atuar e aprender, em uma rica relação de troca, com os alunos do Curso de Museologia realizando experiências no interior do museu e fora do museu, no interior da universidade e fora da universidade, na relação com os diversos sujeitos sociais participantes das ações desenvolvidas.

⁸ Texto apresentado no XV Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Museologia, realizado no Rio de Janeiro, no período de 22 a 26 de novembro de 1999.

Atualmente, como professora aposentada da UFBA, tenho atuado em diversos projetos, no Brasil e no Exterior, o que me tem permitido continuar atuando com a formação do museólogo, bem como na formação de cidadãos em um rico processo de ação e reflexão, que nos tem motivado a utilizar o patrimônio cultural como suporte fundamental para o desenvolvimento social e para o exercício da cidadania.

É, pois, com base na experiência vivida, que tentarei enfocar o tema proposto para a presente Mesa-redonda, acreditando que os pontos aqui levantados irão alimentar o debate, a reflexão conjunta. Registro, entretanto, que a experiência vivida não está esvaziada, alheia à construção do conhecimento que tem ocorrido na área da Museologia, ao longo dos anos; ao contrário, temos buscado o embasamento necessário ao desempenho das nossas ações, e ao mesmo tempo temos refletido e sistematizado as experiências vividas, buscando a relação necessária entre a teoria e a prática, contribuindo, também, para a produção do conhecimento, em nosso campo de atuação.

É, pois, misturando vida, ação, reflexão, que apresentarei, inicialmente, embora de forma rápida, devido ao limite do tempo, algumas considerações sobre a Museologia, por considerar ser o suporte, a base necessária que alimenta a atuação do museólogo, sem a qual a sua ação acabará no ativismo, sem fundamento, sem conteúdo. Em seguida farei alguns comentários sobre a formação do museólogo em nosso país, para, posteriormente, apresentar alguns tópicos que considero sejam relevantes para a sua formação. Por fim, tentarei enfocar algumas possibilidades para o seu campo de atuação, dentre as múltiplas possibilidades oferecidas pela sociedade, em um país da América Latina.

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE A MUSEOLOGIA

Não pretendo, e nem poderia, neste momento, focar, de forma mais abrangente, as questões relacionadas aos aspectos teórico-metodológicos da Museologia. Tentarei resumir os pontos que considero mais relevantes, em uma análise de contexto, buscando o suporte necessário para discutir e apoiar a discussão sobre o nosso tema, “A Formação e a Atuação do Museólogo”.

As inquietações, a ânsia por mudanças, e a grande motivação para a participação provocaram quebras de paradigmas, a adoção de novos paradigmas, e de múltiplos paradigmas nas três últimas décadas. Retomo aqui algumas reflexões por mim apresentadas sobre a Museologia, na contemporaneidade, no encontro do MINOM, realizado em Salvador, também neste mês de novembro, por considerá-las atuais. (Santos, 1999).⁹

Nos últimos 30 anos produzimos e provocamos grandes transformações no campo da Museologia. Considerando que o fazer museológico é o resultado das relações humanas, em cada momento histórico, em relação com as demais práticas sociais globais, podemos, talvez, afirmar que a Museologia, em transformação, é resultado de um mundo em transformação. A contemporaneidade tem sido marcada por processos sociais ricos, no sentido de reconhecer a diversidade, o respeito à diferença e, sobretudo, por um forte apelo para que exerçamos a nossa cidadania, com a consciência de que podemos ser sujeitos da história. Talvez possamos afirmar que a ação participativa seja uma das características mais marcantes da contemporaneidade.

⁹CAPÍTULO V

As inquietações ocorridas nos anos 60 abriram espaço para, posteriormente, se repensar o conceito de patrimônio e a relação do museu com a sociedade. Nesse contexto de buscas, reflexões e práticas museológicas, até então desconhecidas, assistimos ao que, no nosso entender, tem sido a contribuição mais significativa para a Museologia, na contemporaneidade: a participação de diversos segmentos da sociedade na construção e reconstrução dos processos museais. Das ações de contemplação, ou de apreciação de uma museografia que era planejada e executada somente por uma equipe técnica, que detinha o conhecimento sobre as coleções, partimos para uma ação integrada, por técnicos e sujeitos sociais, que visam apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural.

Entretanto, a contemporaneidade tem sido marcada, também, por contrastes, por avanços e recuos, que nos surpreendem, a cada momento, com a crescente produção de conhecimento, em diferentes áreas, como os até então inimagináveis avanços tecnológicos, e, ao mesmo tempo, nos deixam assustados com a falta de ética, com a violência, com os contrastes entre países e regiões de um mesmo país, com a concentração de renda entre um grupo de privilegiados, e, sobretudo, com a péssima qualidade de vida de vários segmentos da sociedade.

A participação, as inquietações com as práticas museológicas dissociadas dos anseios da sociedade e os marcantes contrastes desse mundo que estamos construindo têm nos estimulado a buscar soluções criativas, que têm contribuído, efetivamente, para a construção do conhecimento na área da Museologia, para se repensar o nosso campo de atuação e os nossos cursos de formação e, sobretudo, para construir processos museais que tenham como objetivo principal, a partir das reflexões sobre o patrimônio cultural, a

compreensão da nossa identidade cultural, em seu processo de construção e reconstrução, compreendendo-a como o suporte essencial para o nosso desenvolvimento social, e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida. Compreendemos que a qualidade implica participação, conquista, em busca da autogestão, da democracia e da liberdade. A musealização é então processada na prática social - no interior do museu ou fora dele - em sua dinâmica real, no tempo e no espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido.

Admitindo que o patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas, considero que os processos museais gestados, ao longo dos anos, contribuíram, de modo efetivo, para a ampliação do conceito de patrimônio, na medida em que o conceitua como a relação do homem com o meio, ou seja, o real, na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural, em suas dimensões de tempo e de espaço. Conseqüentemente, os bens culturais a serem musealizados também foram ampliados. Nesse sentido, as ações museológicas não serão processadas somente a partir dos objetos, das coleções, mas tendo como referencial o patrimônio global, tornando assim necessária uma ampla revisão dos métodos a serem aplicados nas ações de pesquisa, preservação e comunicação, nos diferentes contextos.

Por outro lado, a ampliação do conceito de patrimônio está relacionada à criação de novas categorias de museus, como ecomuseu, museu comunitário, museu de vinzinhança, etc., que não estão fechados nas paredes de um edifício, mas realizam as ações museológicas em um território, com uma população. Essas novas categorias de museus, abertas a uma população e a um território, irão

contribuir, também, para que as ações museológicas possam ser processadas fora do espaço restrito do museu, abrindo, assim, amplas possibilidades para a realização de novos processos de musealização. Do ponto de vista metodológico, foi um vetor a incentivar a busca de soluções criativas. A seguir, realizo uma análise das ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, a partir das reflexões acima realizadas:

pesquisa

Construção do conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural. Este conhecimento é construído na ação museal e para a ação museal, em interação com os diversos grupos envolvidos, objetivando a construção de uma nova prática social. Não se trata da pesquisa que se esgota na mera descrição e análise dos objetos. A pesquisa alimenta todas as ações museológicas, em processo.

Preservação

Consideram-se as seguintes etapas:

coleta- o acervo é o conjunto dos bens dinâmicos em transformação em uma comunidade, e não somente uma coleção. Esse acervo é propriedade privada ou coletiva dos indivíduos, não é adquirido nem pertence ao museu. Trabalha-se com o acervo institucional, ou seja: material arquivístico e iconográficos, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos, etc., e com o acervo operacional: as áreas do tecido urbano, socialmente apropriadas, como paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, as técnicas do saber e do saber fazer, com os artefatos, com o meio rural, etc.

classificação e registro – o processo documental não se limita ao registro do acervo. Busca-se, através da cultura qualificada, produzir conhecimento, elaborado no processo educativo, por meio das ações de pesquisa. Há uma documentação dos dados coletados, que são sistematizados, de acordo com as características das diversas realidade que estão sendo musealizadas, formando o banco de dados do museu, referente à realidade local, a partir das ações de pesquisa, por meio da ação interativa entre os técnicos e os grupos envolvidos. Busca-se a qualificação da cultura, da análise e da compreensão do patrimônio cultural na sua dinâmica real e não a seleção de determinados aspectos para armazenamento e conservação. O banco de dados é o referencial básico de informação, aberto à comunidade, que é alimentado, constantemente, pelos diversos processos em andamento no museu.

Os instrumentos utilizados na documentação são criados e adaptados a cada realidade, discutidos com os diversos grupos envolvidos na ação museológica e absorvidos pelos mesmos, para a sua aplicação. O processamento do conhecimento produzido e sua inclusão no banco de dados se dá com a participação dos componentes do museu, ao mesmo tempo em que os técnicos participam da elaboração dos instrumentos de coleta de dados, estabelecendo-se um processo dialógico no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos, tanto na fase do planejamento como na execução, havendo, também, um aumento da auto-estima de todos quando o produto do seu trabalho é utilizado para a compreensão da realidade e para a construção de um novo

conhecimento, atingindo, assim, os objetivos propostos na ação documental.

Conservação- busca-se a formação de atitudes preservacionistas. Estabelece-se um processo no sentido de compreender os objetivos da preservação, no fazer cotidiano das pessoas. A conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos. Esforços são concentrados na busca da sensibilização e na formação de conservadores, bem como com a própria população, a partir de suas aptidões e atitudes.

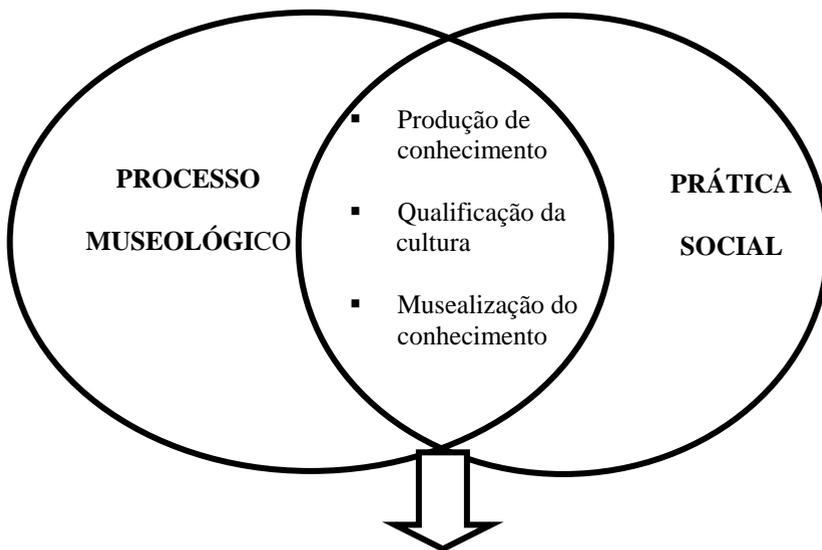
Comunicação- A comunicação não está restrita à exposição. Faz parte do processo museológico, embora seja importante registrar que sempre fica uma distância entre o material “*inerte*” que é exposto e o processo vital que lhe deu origem. Ao contrário do procedimento mais usual dos museus, em que a exposição é o ponto de partida no sentido de estabelecer uma interação com o público, nesta ação museológica a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, de afetividade, de criatividade e de reflexão, que dá origem ao conhecimento que está sendo exposto e a uma ação dialógica de reflexão, estabelecida no processo que antecedeu a exposição e durante a montagem, além de ser ponto de partida para outra ação de comunicação.

As demais ações museológicas de pesquisa e preservação, já analisadas anteriormente, também são um processo de comunicação, uma vez que são gestadas por meio de um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo, levando-se em consideração as características dos grupos envolvidos, e as diversas maneiras de estar no mundo e de se expressar, por meio de diferentes linguagens. É interessante ressaltar que as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação estão integradas entre si, aos objetivos dos diferentes projetos e às características dos diversos grupos sociais, em um processo constante de revisão, de adaptação e de renovação.

No esquema abaixo, apresentado em minha tese de doutorado (Santos, 1995, p. 247), sintetizo as reflexões realizadas neste ítem, esperando apontar para mais uma abertura em torno das questões teóricas-metodológica na Museologia, objectivando, também, uma melhor compreensão do processo.



PROCESSO MUSEOLÓGICO COMO AÇÃO INTERATIVA



PROCESSO MUSEOLÓGICO ENRIQUECIDO NA DINÂMICA DO PROCESSO SOCIAL

Podemos definir, então, o *fato museal* como a *qualificação da cultura (patrimônio global) em um processo interativo de ações de pesquisa preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social.*

Concluimos, então, que o processo museológico na contemporaneidade, como resultado da relação teoria/prática, tem contribuído, efetivamente para o desenvolvimento da Museologia e para a sua aplicação (museografia), do qual podemos, então, destacar os seguintes aspectos:

- Ampliação do conceito de patrimônio;
- Ampliação dos bens culturais a serem preservados;
- Aplicação do processo museológico a partir da relação: HOMEM-PATRIMÔNIO GLOBAL
- Incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, para que a identidade seja vivida na pluralidade e na ruptura;
- Socialização da função de preservação;
- Desenvolvimento das ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não somente as coleções;
- Criação de novas categorias de museus e aplicação de diferentes processos museais;
- Revisão dos métodos a serem aplicados nas ações de pesquisa, preservação e comunicação;
- Ação comunicativa dos técnicos e dos grupos sociais, objetivando o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social;

- Revisão do perfil do museólogo e ampliação do seu campo de atuação.

No momento atual, a Museologia deve sintonizar-se, em qualquer das suas correntes, com os caminhos da ciência na contemporaneidade. Sendo assim, a problematização de temas, através dos acervos, institucional e operacional, questionará, também, o sentido da ciência, contribuindo para que a própria Museologia e a sua prática sejam submetidas, também, à reflexão.

Com certeza, esse novo caminhar nos conduz, urgentemente, à necessidade de se repensar o perfil do profissional museólogo e o seu campo de atuação, análise que passarei a realizar nos itens seguintes, abordando a qualidade formal, ou seja, instrumentação científica, necessária à atuação do profissional, e a qualidade política, ou seja, o seu compromisso social.

3- A FORMAÇÃO DO MUSEÓLOGO: ALGUNS INDICADORES PARA REFLEXÃO

Os cursos de Museologia geralmente tinham como referencial para montagem de seus currículos o *MUSEU*. A ênfase, o enfoque central, era a coleção. Pretendia-se formar o curador de museus que, ao longo do desempenho profissional, reproduzia o conhecimento produzido nas diversas áreas, relacionadas com as categorias específicas de museu: história, arte, etnologia, etc. Nesse contexto, forma-se o conservador, o catalogador, o expositor, através de um ensino meramente descritivo pautado na aplicação de um conjunto de técnicas. Ao longo do processo histórico, observa-se uma tentativa de relacionar a teoria à prática, dando ênfase à interdisciplinaridade. Os cursos de pós-graduação vão proporcionar a oportunidade de interação com diversas áreas afins às categorias específicas de museus. Assim,

os historiadores de arte e artistas plásticos vão atuar nos museus de arte, os antropólogos e etnólogos nos museus de arqueologia e etnologia etc. A prática no museu vai, então, estar relacionada às diversas áreas de atuação.

A Museologia, nesse contexto, é considerada como a ciência do museu, uma ciência auxiliar dos grandes ramos do conhecimento. Ressaltamos, entretanto, que o processo de formação do profissional é dinâmico e, como tal, apresenta avanços e retrocessos, de acordo com a concepção, com o caminhar da Museologia ao longo do processo histórico. Portanto, estas características não podem ser enfocadas de forma linear. Podemos encontrar cursos de Museologia que, em sua grade curricular e no desempenho das atividades pedagógicas, apresentam, em relação à evolução do processo museológico, aspectos que podem ser considerados avançados e, ao mesmo tempo, mantêm atividades e programas que refletem a ênfase na coleção, no Museu, enquanto realidade objetiva, dissociado da prática social, em seu processo de construção e reconstrução.

O Curso de Museologia da UFBA, implantado em 1970, apesar de adotar um currículo, àquela época que se poderia considerar avançado em relação a outros congêneres existentes no País, pois apresentava um elenco de disciplinas bastante amplo nas áreas da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia e da História, oferecia uma carga horária mínima de disciplinas específicas, necessárias à formação do profissional museólogo.

Em 1979, foi realizada a primeira reforma do currículo, tendo havido, logo após, o seu reconhecimento, pelo Conselho Federal de Educação, através do Decreto 83.327, de 16 de abril de 1979. Com a primeira reforma curricular, foram aumentadas as cargas horárias e a

creditação das disciplinas específicas, acrescentadas outras disciplinas, com o objetivo de atender às características regionais e do mercado de trabalho, sendo que outros professores, já graduados pelo Curso, assumiram essas disciplinas. A base legal para estruturação do currículo foi, e ainda é, hoje, o Parecer no 971/69, do Conselho Federal de Educação, aprovado em dezembro de 1969.

Em 1986, após a regulamentação da profissão do museólogo no País, através da Lei 7.287, de 18.12.84, regulamentada pelo do Decreto 94.775 de 15.10.85, foi realizada uma ampla discussão sobre o perfil do profissional, sua área de atuação, os avanços da Museologia e o papel dos museus na sociedade contemporânea, através de um Seminário de Avaliação do Curso, com a participação de museólogos egressos da UFBA e corpos docente e discente. Tomando como referencial os resultados obtidos no referido Seminário, o Colegiado realizou a segunda reforma do currículo, que foi implantado em 1989.

Nos últimos anos, os avanços ocorridos no processo museológico, para o qual contribuiu, também, a produção científica do próprio corpo docente do Curso de Museologia da UFBA, permitiram o embasamento necessário a uma reflexão constante, em sua vida acadêmica, fornecendo os subsídios necessários, para que fosse realizada mais uma avaliação da sua atuação, no sentido de adequá-lo aos avanços que hoje se apresentam, contribuindo, também, para ampliar a nossa concepção em relação à atuação do profissional museólogo, no mercado de trabalho a ele destinado e ao próprio objeto de estudo da Museologia. A prática da avaliação constante do Curso, tem sido muito saudável no sentido de apontar para a necessidade de uma revisão constante do perfil do profissional que estamos formando. Por meio dessas constantes reflexões, evidencia-se a necessidade do

Colegiado do Curso de delinear um perfil para o profissional Museólogo e atualizar o seu currículo, realizando os ajustes necessários no sentido de fornecer a capacitação indispensável ao profissional, no presente momento, com base em uma constante reflexão entre a teoria e a prática.

Urge reconhecer a importância dos cursos de formação, no sentido de contribuir, efetivamente, para os avanços teórico-metodológicos, em nosso campo de atuação, ressaltando, entretanto, a necessidade de uma abertura maior no sentido de dotar seus currículos de conteúdos substantivamente relevantes, sem perder de vista que a sua maior missão é a político-cultural. E esse objetivo maior não pode ser alcançado somente nos espaços fechados da academia. Sirvent (1984), analisando a relação entre a educação formal e a não-formal, sugere que é possível organizar uma ação educativa complexa, que seja resultante de uma rede de interação entre diversos recursos educativos. Não se trata de somar ou adicionar componentes isolados, mas de integrar os mesmos ao redor de objetivos educacionais comuns. Nessa rede, insere-se a educação formal ou uma redefinição de seu papel frente à comunidade e aos recursos educativos não-formais da mesma. Sugere ainda a referida autora que as instituições do *macrossistema* constituir-se-iam num sistema aberto em contínua comunicação, tanto entre si como com o meio em que estão inseridos. Infelizmente, as experiências até o momento mostram que as instituições menos flexíveis para se modificar dinamicamente neste processo são as escolares. (Santos, 1999). Em nosso campo de atuação, fica patente essa estagnação, a acomodação e a falta de revisão, uma vez que, ainda hoje, o instrumento legal que orienta a montagem de cursos de Museologia, é o parecer do CFE, de 1969, já citado anteriormente. É necessário destacar, também, a resistência das universidades em se tornarem instituições abertas à comunidade,

reestruturando seus currículos de forma a desenvolver projetos integrados com outras instituições e com a sociedade civil organizada. Insistem em manter estruturas curriculares ultrapassadas, com disciplinas isoladas, em compartimentos estanques, realizando as ações de pesquisa, registradas em teses e relatórios destinados ao mesmos, ou seja, ao interior da academia ou das academias.

É necessário, pois, refletir sobre a atuação dos cursos de Museologia destacando que o seu compromisso maior deve ser com o desempenho qualitativo, preparando profissionais que sejam capazes de produzir conhecimento, buscando, também, a interseção criativa de contribuições conceituais e analíticas de outras disciplinas, contribuindo com a necessária renovação dos processos museais, reconhecendo as especificidades dos diferentes contextos, adequando os procedimentos metodológicos e técnicos às diferentes realidades, com a abertura necessária para a avaliação e para a reflexão crítica. Destacamos, pois, nesse processo, dois aspectos que consideramos sejam essenciais para a formação do museólogo: *a instrumentação científica e desafio tecnológico* (qualidade formal) – a instrumentação científica fornece o suporte necessário para a definição dos objetivos a serem alcançados, bem como para a operacionalização dos diferentes projetos. À medida que se coloca a técnica a serviço da sociedade, buscando as transformações necessárias, na relação com os sujeitos sociais, estaremos assumindo o nosso *compromisso social*, ou seja a *qualidade política*. Demo, (1991), salienta muito bem: “ *O intelectual não vale apenas pelo que “sabe” em termos de domínio técnico, mas, igualmente¹⁰ pelo que “vale” em termos de agente de mudança*”. Na mesma direção, Freire, (1985), destaca:

¹⁰ O grifo é meu.

quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. Se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este, por sua vez, só é conseqüente quando está fundado cientificamente.

As especificidades de cada realidade, de cada região, deverão ser respeitadas e enfocadas, em núcleos temáticos que deverão estar em relação com outras áreas do conhecimento e com a área da Museologia, devendo, para tanto, de acordo com as diversas condições locais, definir-se a categoria de curso que se deseja implantar – graduação, especialização ou pós-graduação. Consideramos importante que se busque alcançar os objetivos abaixo relacionados, com a atuação dos curso de Museologia,

- Desenvolver um processo museológico comprometido com o desenvolvimento social e com a prática da cidadania;
- Contribuir, por meio do processo museológico, para gerar um processo de preservação do patrimônio global, visando ao desenvolvimento humano sustentável;
- Promover a formação de profissionais que potencializem suas instituições como agentes de desenvolvimento regional;
- Contribuir para a construção do conhecimento, na área da Museologia;
- Proporcionar meios para que as instituições museais melhorem e ampliem seus campos de atuação, no meio social onde estão inseridas;
- Melhorar o desempenho e a qualificação dos profissionais que atuam em instituições culturais e educacionais;

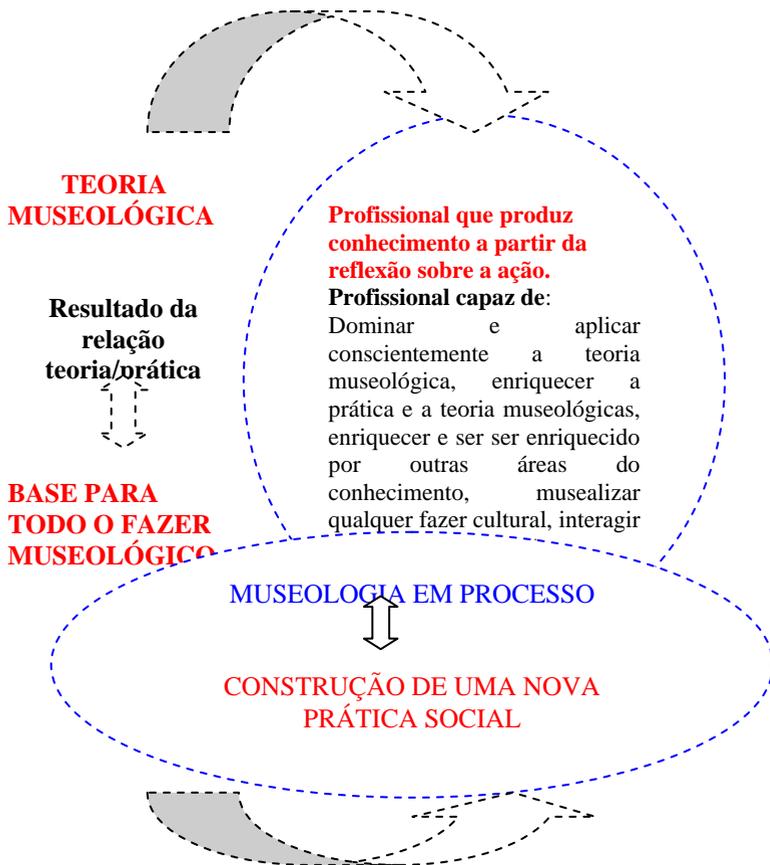
- Desenvolver e aplicar tecnologias, na área da Museologia, observando-se as necessidades regionais;
- Criar oportunidade de ampliar conhecimentos, rever conceitos e modificar procedimentos de trabalho;
- Contribuir para a superação de carências de conhecimentos atualizados, na área da Museologia, de parte dos que candidatam a cursos de *stricto sensu*;
- Oferecer aos profissionais da área subsídios da reflexão contemporânea na Museologia, capacitando-os para a aplicação de metodologias e técnicas nos campos da conservação, da documentação e da comunicação museológica.

Do ponto de vista da organização e da gestão dos processos museais, o museólogo deve proporcionar uma orientação motivadora, referenciada por uma concepção, ou por várias concepções, que deverão ser enriquecidas com a participação dos demais sujeitos envolvidos. A competência formal o instrumentará para a definição conjunta dos objetivos, das metas e das estratégias, de acordo com as necessidades e as características de cada contexto. Alguns aspectos são considerados essenciais:

- Participação ativa – implicação com o objeto de estudo (imersão no processo, na totalidade – ação, pensamento, desejo, prazer e sonho);
- Clareza de objetivos e do papel a ser desempenhado, apoio na teoria. Abertura para o enriquecimento com o outro, determinação;
- Gerência co-participada (troca, respeito à idéia do outro) – comunicação permanente;
- Inovação, descoberta crítica – **Reconstrução** (intervenção inovadora).

Ao longo do nosso caminhar, foi possível delinear um perfil para o museólogo, (que apresentamos na página a seguir), a partir da produção do conhecimento, tendo como referencial a prática social, qualificada culturalmente, e devidamente musealizada, em interação com os diversos segmentos envolvidos no processo, quais sejam: alunos, professores do Curso de Museologia e da Rede Estadual de Ensino, com a qual vêm sendo realizados diversos projetos, profissionais já graduados em Museologia, que estão atuando em Salvador, em outras capitais e no Exterior, e membros da comunidade local com os quais atuamos em projetos de extensão. A seguir, apresentamos um esquema, (Santos,1995) resultado do nosso desempenho nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, salientando que não pretendo apresentar um esquema definitivo, pronto, acabado, mas alguns indicadores em processo, pois consideramos a Museologia em constante processo de construção e reconstrução, e, conseqüentemente, a atuação do profissional não só irá alimentar o processo museológico como será alimentado por ele.

perfil do museólogo a concepção:



4- CAMPO DE ATUAÇÃO DO MUSEÓLOGO

O mundo contemporâneo, as transformações ocorridas nos últimos anos e já registradas anteriormente, sinalizam para a necessidade de um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades da América Latina. A revisão e superação de determinados paradigmas é essencial, considerando-se a necessidade de criação de novos museus e de reformulação dos existentes, tornando-os instituições relevantes para a cidadania. A Museologia e o museu têm uma importância central no contexto de reconstrução das nações, na busca de um mundo livre e equitativo. Para tanto, torna-se necessária a formulação de novas diretrizes, à luz dos conhecimentos historicamente acumulados, no sentido de utilizar o patrimônio cultural como um referencial para o exercício da cidadania e o desenvolvimento social, por meio do processo educativo. Se consideramos que a aplicação do processo museológico se dá na relação: **HOMEM-PATRIMÔNIO INTEGRAL**, já sinalizamos para a ampliação do campo de atuação do museólogo.

O desenvolvimento das ações museológicas, hoje, não está restrito ao espaço fechado dos museus. Nos últimos anos, temos assistido à implantação e desenvolvimento de processos museais, em contextos os mais variados, com resultados significativos para os sujeitos envolvidos e para a construção do conhecimento na área da Museologia. Por outro lado, esse fazer museológico, fora dos museus, tem contribuído, também, para se repensar a instituição museu, provocando alguns avanços, por meio de um processo de avaliação dessas instituições.

Seria impossível hoje, delimitar-se um campo de atuação do museólogo, reduzindo a sua atuação ao espaço restrito dos museus ou de outras instituições. Mais do que nunca, a presença desse

profissional se faz necessária, em qualquer contexto social, sobretudo se considerarmos a necessidade urgente de buscar um desenvolvimento que não deve ser sustentado em um modelo pautado na racionalização tecnológica, tomado como um objetivo que se esgota nele mesmo e por ele mesmo, e que tem gerado a “*pobreza modernizada*”, que segundo Perrot, (1994), trata-se da pobreza daqueles grupos ou indivíduos que depois de terem perdido uma boa parte de seus valores e de seu modo de vida não têm tido acesso às vantagens do desenvolvimento econômico. Segundo a referida autora, a pobreza modernizada é reconhecida pelo fato de ter sido espoliada cultural e socialmente, sem ter sido recompensada economicamente. Considero que o museólogo, ao assumir o seu compromisso social, tem uma responsabilidade no sentido de atuar, quer seja no interior do museu ou fora dele, no sentido de construir, com os diversos segmentos da sociedade, um desenvolvimento que seja apoiado no respeito às identidades culturais.

Já tive a oportunidade de analisar vários problemas relacionados com as políticas educacionais e cultural em nosso País, (Santos, 1988, 1993, 1995) e cada vez mais reconheço a necessidade de uma atuação integrada entre as áreas da Museologia e da Educação, no sentido de realizar projetos capazes de inserir, no cotidiano da escola, temas e discussões relevantes, relacionados à qualificação do fazer cultural dos alunos, professores e membros das diversas comunidades, proporcionando a interação necessária entre as escolas e os diversos contextos, onde estão inseridas. As ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação estarão, assim, sendo aplicadas, nos diferentes contextos, em interação com a prática pedagógica, contribuindo para a formação de cidadãos, utilizando o patrimônio cultural como um suporte fundamental para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento social.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho consciência de que este texto ficou muito longo para quem vai falar em uma Mesa-redonda, mas sou contaminada por essa vontade de sistematizar as idéias, em forma de texto, para que não se percam em um auditório, e possam ser reutilizadas, refletidas, enriquecidas, por mim e por outras pessoas, em nosso fazer cotidiano. Desejo, assim, que este fórum seja ampliado, o que acredito seja um dos objetivos dos congressos e encontros.

Quero registrar, mais uma vez, que nunca teremos um perfil pronto, acabado, para o profissional museólogo, razão pela qual enfatizo a necessidade de uma revisão constante, baseada em processo de avaliação que deve ser assumido, como uma prática cotidiana, nos cursos de Museologia, no interior dos museus, fora dos museus e na relação com os sujeitos sociais com os quais estejamos atuando e na troca com profissionais de outras áreas e de áreas afins. Essa ação, no meu entender, tem sido bastante retardada, devido a nossa acomodação, o que é lamentável, pois estamos perdendo “*o trem da história*”.

Para finalizar, deixo para os colegas a mesma mensagem que apresentei em entrevista realizada por nosso Colega Mário Chagas, quando me fez a seguinte pergunta:

“Célia, que mensagem você gostaria de enviar para os profissionais dos museus?”

Deixo algumas, para os profissionais dos museus e para todos que atuam com a Museologia:

- Que olhem para os museus e para além dos museus;

- Que, com o patrimônio Cultural, e a partir da **reflexão** e da **ação** sobre o Patrimônio Cultural, possam ser sujeitos da História, promover a atuação de outros sujeitos da História, possibilitando a construção e reconstrução de múltiplos patrimônios culturais, visando ao desenvolvimento social e ao exercício da cidadania;
- Que o fazer museológico produza conhecimento e esteja impregnado de vida - paixão, desejos, sonhos, troca, objetividade e subjetividade, em permanente abertura, para avaliar os processos museais e para a auto-avaliação;
- Que estejam preparados para atuar nos museus e fora dos museus;
- Que busquem, constantemente, a qualidade formal e a qualidade política, assumindo o compromisso social e o exercício da cidadania.

Finalizando, realmente, registro o meu contentamento, por ser uma museóloga que tem atuado no museu e fora do museu, que tem provocado a criação de novos processos museais e que tem, hoje, o *feedback* de um grupo de alunos do terceiro ano do Curso de Magistério, de um Colégio Público, da Cidade do Salvador, quando realizaram uma paródia, com a letra da música Cidadão, de Lúcio Barbosa, interpretada por José Ramalho, fazendo uma leitura sobre o MDCI (Museu Didático-Comunitário de Itapuã), projeto do qual lancei a semente e que o grupo está fazendo germinar e frutificar:

Uma adaptação da Música “Cidadão”

Tá vendo aquele museu, moço?
Ajudamos a levantar
Foi um tempo de paixão
Era uma grande sedução
Tivemos que trabalhar.
Hoje depois dele pronto
Oio pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão,
E me diz admirado
Tu tá cheio de vida
Quanta história pra contar.
Os domingos foram ganhos
Trabalhando e lutando
Para vida construir
E pra completar a festa
Dessa história o que nos resta
É fazer parte também.
Tá vendo aquele museu moço?
Aprendemos muito lá
Hoje nós agradecemos
Pelo seu merecimento
Por muito nos ajudar
A preservar a natureza
Dando uma lição de esperteza
Pra vidas procriar.
O museu está aberto
Venha conhecer de perto
Quanta vida tem por lá.

Lá a arte é bem vinda
Por se tratar de muitas vidas
Eu me pus a agradecer
Pois tudo que lá se plantava
A tendência era crescer.
Tá vendo aquele museu moço?
Onde muita vida tem
Pus a brita e o cimento
Me enchi de conhecimento
Lá eu aprendi também.
Lá sim valeu a pena
Tem arte e conhecimento
E eu posso ajudar.
Foi lá que alguém me disse:
“Amigo deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
O museu está aberto
Venha conhecer de perto
A cultura está por lá”.

6- BIBLIOGRAFIA

- BAHIA, Universidade Federal da Bahia. Subsídios para Montagem de Currículos Plenos. Cursos de Graduação. Salvador: Superintendência Acadêmica, 1976.
- DRYDEN, Gordon. *Revolucionando o Aprendizado*/Jeannette Vos. São Paulo; Makron Books, 1996.
- DEMO, Pedro. *A Nova LDB: ranços e avanços*. Campinas, SP: Papirus, 1997. – (Coleção magistério; formação e trabalho pedagógico).
- _____. *Educação e Qualidade*. Campinas, SP: Papirus, 1996. – (Coleção magistério; formação e trabalho pedagógico).
- Conhecimento, cidadania e meio ambiente/ Arnaldo José de Hoyos Guevara... et al. – São Paulo: Petrópolis, 1998. – (Série temas transversais; v.2)
- CURSO DE MUSEOLOGIA, currículos adotados em 1979 e 1986.
- _____. Dados Sobre o Curso de Museologia. Mimeo.
- _____. Proposta para o curso de especialização.
- _____. Proposta para Reforma do Curso de graduação.
- BRASIL, Conselho Federal de Educação. Parecer nº 971/69, aprovado em 5 de dezembro de 1969. Mimeo.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Considerações sobre o profissional de museu e sua formação. Anais da II Semana de Museus da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: paz e terra, 1983. p.20
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Considerações sobre o profissional de museus e sua formação. Anais da II Semana de Museus da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1999.
- ISMAG. Departamento de Ciências do Patrimônio. Currículo do Curso de especialização em Museologia. Lisboa, s.d.

- Kelly, Albert Victor. *O currículo: teoria e prática*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.
- Medo e ousadia; o cotidiano do professor/ Iara Shor, Paulo Freire. Rio de Janeiro: paz e terra, 1986.
- PERROT, Marie-Dominique. Educação para o desenvolvimento e perspectiva intercultural. In: Educação, desenvolvimento e cultura: contradições teóricas e práticas/Antonio Faundez (org) São Paulo: Cortez, 1994.
- RESENDE, Antônio Muniz de. *O Saber e o poder na universidade: dominação ou serviço?*. São Paulo: Cortez, 1984.
- UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS. Currículo do Curso de Especialização em Museologia e Educação. Lisboa, 1994.
- UNIVERSIDAD NACIONAL DA COSTA RICA. Programa de Museologia para Latinoamerica y Caribe. Mimeo.
- USP. Museu de Arqueologia e Etnologia. Proposta de Currículo do Curso de Especialização em Museologia. Mimeo.
- TELMO, Isabel Cottinelli. *O Patrimônio e a Escola do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro; Graal, 1989.
- SANTOS, Maria Célia T. Moura. Caracterização do Profissional Museólogo. mimeo.
- _____. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário, em Itapuã. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.1995.
- _____. Entrevista a Mário Chagas. Mimeo.

- _____. *Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1993. 2ª edição ampliada. 136p.
- _____. Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. Cadernos de Museologia (5) Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1996.
- _____. *Formação de Pessoal Para Museus, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - O Papel da Universidade. Estudos de Museologia/Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.*
- _____. *Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1990. 90p.
- _____. A Preservação da Memória Enquanto Instrumento de Cidadania. Cadernos de Museologia (3) Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1994.
- SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Formação de profissionais de Museus: desafios para o próximo milênio. Anais da II Semana de Museus da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1999.
- SIRVENT, Maria Teresa. (org). *Educação Comunitária. A Experiência do Espírito Santo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SIMON, Schwartzman. Ciência, Universidade e Ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.